

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil Class.: 122

Data: 22.10.85 Pg.: 7

A vida revelada a uma amiga

José Nêumanne Pinto

SÃO Paulo — Betty Mindlin, economista formada em Cornell, viaja pelo menos duas vezes por ano para Cacoal, em Rondônia. Lá perto, vivem os Suruí, uma tribo de índios com que ela chega a conviver durante período de até dois meses, na tentativa de aprender tudo sobre seus mitos, sua cultura, sua visão cósmica.

Já aprendeu a língua, gravou um disco de suas cantigas (Paiteir Merewá, feito em parceria com a cantora Marlui Miranda e o fotógrafo Marcos Santilli) e recebeu seus líderes na casa onde vive com os dois filhos, perto da Cidade Universitária da USP, em São Paulo.

Betty, filha do bibliófilo e empresário José Mindlin, publica agora o texto de sua tese de doutorado em Antropologia, num livro da Editora Vozes, *Nos Paiteir — Os Suruí de Rondônia*. No livro, ela revela dados interessantes sobre a vida tribal de seus grandes amigos: o fato de metade da tribo viver na aldeia e a outra metade na roça, por exemplo. A grande festa dos Suruí é justamente quando uma metade vai visitar a outra, levando presentes e recebendo, em troca, bebidas, comidas e até mulheres, na festa. A cada dois anos, as metades trocam de função e quem estava na roça passa a viver na aldeia, enquanto os aldeões vão ao cultivo.

— Hoje isso tem mudado muito, porque está entrando um valor novo na vida dos índios, o dinheiro, a febre consumista levada até eles pelos brancos. Acho isso tudo muito natural, mas penso que eles poderiam ser bem informados sobre essa opção. Alguém teria de lhes explicar claramente o que têm a ganhar e a perder com a substituição de sua antiga vida tribal isolada por uma vida de contato mais permanente com os brancos — diz Betty Mindlin.

Quando a economista e antropóloga foi pela primeira vez ao Parque dos Aruanan, em companhia de Carmen Junqueira (antropóloga da PUC de São Paulo), o acesso da Cacoal era difícil, tinha de ser feito por avião. Hoje chega-se à aldeia dos Suruí de ônibus e pela movimentada estrada de rodagem que liga Porto Velho a Cuiabá.

— Nas primeiras vezes que fui lá, tinha até pudor de ficar hospedada na

aldeia dos Suruí. Eu ficava no posto da Funai, lá perto. Mesmo com a insistência dos índios, que são muito carinhosos, eu ainda receava invadir o espaço deles. Fui chegando aos poucos e hoje é até um problema para mim, porque todos querem me hospedar e os que não são escolhidos consideram minha opção uma ofensa pessoal. Foi convivendo com eles, deitada na rede na maloca, conversando com as mulheres, principalmente em suas fases de isolamento, que aprendi suas línguas, seus costumes, sua religião, sua visão do mundo — conta Betty.

Os Suruí, foram contactados pelos brancos, pela primeira vez, em 1969. Até 1973, a aldeia, a 50 quilômetros da cidade de Cacoal (que, àquela época, não existia e hoje tem 70 mil habitantes), era isolada. Betty Mindlin tomou conhecimento de sua existência através do sertanista Apoena Meirelles, um entusiasta da cultura suruí. O interesse da antropóloga por sua cultura, por sua vida livre, igual, transformou-a numa militante na luta por suas terras, contra a invasão das reservas pelos posseiros brancos e pelas grandes empresas que têm terras na Amazônia. Nessa condição de militante é que Betty recebeu a visita, este ano, de vários líderes da tribo que vieram a São Paulo.

— Por um lado foi muito bom eles verem como vivemos aqui. É sempre muito complicado explicar-lhes o interesse antropológico por sua vida. Eles não entendem, a princípio, por que fazemos tantas perguntas se podemos lhes dar tão pouco. Quando eles vieram aqui, puderam perceber melhor a necessidade do conhecimento de sua vida tribal. Por outro lado, foi muito constrangedor para mim recebê-los, porque, quando eles me recebem, eu fico lá no meio da maloca. Uma das primeiras descobertas que fazemos no mundo índio é que lá não existe a solidão. As pessoas nunca ficam sozinhas. Então, quando eles chegaram aqui em casa, ficamos isolados em nossos espaços. E eles tinham tantas coisas para me falar, fazia tanto tempo que não nos víamos — diz a autora de *Nos Paiteir — Os Suruí de Rondônia*.

Quando Betty Mindlin chegou à aldeia, os Suruí eram 360, divididos em duas aldeias diferentes. Já no segundo dia ela foi à roça, trabalhou junto com eles, ajudou a preparar suas festas. Ago-



A antropóloga Betty Mindlin conta em livro o dia-a-dia tribal de seus amigos de Rondônia

ra, por exemplo, espera, ansiosa, o convite para uma festa que não houve ainda por causa dos novos hábitos adquiridos pela tribo. Todos estão muito interessados em ganhar dinheiro com os brancos e a festa vai sendo adiada.

— Como entre os Suruí a solidão é proibida, a questão da subjetividade é muito diferente da forma como encaramos. Lá existe muito menos a imagem da realização individual, embora haja lugar para as diferenças individuais. Os Suruí respeitam muito o que cada um é, representa. Lá eles deixam muito mais o outro sossegado do que os brancos. A preguiça e a tristeza são muito respeitadas — diz Betty.

A economista e antropóloga aprendeu essas coisas com as mulheres, que ficam isoladas durante a época da menstrua-

ção, quando estão doentes ou quando estão prestes a casar. Há então menos gente e a conversa rende mais. Ela escreveu o livro enquanto dava aulas de Economia na Escola de Administração da Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo.

— Eles nunca me deixaram fora de nada. Quando se chega à aldeia, sente-se uma coisa difícil de definir. Um clima erótico, mágico, que aponta para uma vida cósmica. Quando, nos dias de chuva, me deitava na rede e ficava a ouvir e participar das conversas da maloca, me esquecia de tudo, da briga de terras, da Funai, das doenças. São viagens a um outro mundo, imagens sobrenaturais que surgem. Uma vez, entrei na palhoça em que um rapaz estava aprendendo a ser pajé. Conheci aquele rapaz antes na roça e depois querendo ganhar dinheiro. Na-

São Paulo/Foto de Arioaldo dos Santos

quele momento, ele não era nem um nem outro. Dentro da casa de caboclo, ele comia, conversava e dormia com os espíritos. Às vezes ele me dizia que eu podia participar e então me narrava o que acontecia. Às vezes eu não podia participar e então ele simplesmente pedia para eu sair. Durante todo aquele tempo, ele estava inteiramente tomado — conta a professora.

Betty Mindlin só se choca mesmo com a face brutal do mundo dos brancos com que os Suruí estão travando contato. A tentação do dinheiro, as doenças, a violência na luta pela terra são valores desconhecidos de uma sociedade que não conhecia a desigualdade. E nesse contato, a Funai, um aparato burocrático descrito pela antropóloga como autoritário, exerce um papel fundamental. E terrível.